

Nas vésperas da reacção

Ainda há poucos dias aturámos uma revolução original e cómica em Cacilhas que serviu apenas para engrandecer o António Maria e para dar azo a mais uma injusta deportação, e já volta a respirar-se em Lisboa uma pesada atmosfera revolucionária.

Ontem foram os radicais, que dando tiros lá do alto de Almada para o rio, para as mansas águas inocentes que não têm culpa dos erros dos homens, perturbaram a população; hoje são os conservadores paradoxalmente aliados a alguns radicais que conspiram e esperam a hora propícia ao desencadeamento de uma revolução fascista.

Se a primeira revolução não passou de uma paródia caricata que terminou mal para os que nela entraram, a segunda deve ser mais grave, não menos ridícula no fundo, mas muito mais perigosa para as escassas liberdades públicas.

Por isso pomos de sobreaviso o povo trabalhador. Recomendamos-lhe:

— Cuidado!

A perspectiva dum sidonismo mais agravado, mais excitado por velhos ódios que aguardam oportuno momento de expansão, não pode ser agradável ao povo trabalhador.

Não poder falar, nem reunir, nem escrever quando nos apetece é uma tortura bem desagradável que devemos evitar.

Viver na ameaça constante de ser estoirado a uma esquina a tiro, espancado a cavalo marinho, metido numa enxovia durante meses — não é viver, é morrer pelo terror e pela asfixia.

O povo português, a-pesar-de inculpado, tem grande apêgo à Liberdade. Tem estado sempre disposto a deixar-se morrer por ela. É necessário evitar sacrifícios futuros, impedindo a tempo o triunfo de uma reacção odiosa.

O que está, com os Antónios Maria a governar não será bom. Somos mesmo dos que mais audazmente combatemos o presente regime mas não queremos vê-lo substituído por outro pior.

Se não estamos bem governados pelos políticos reles que nos arruinan, melhor não estaremos governados pelos homens da Cruzada Nun'Alvares, que pretendem fazer-nos regressar a um passado detestável.

Notas & Comentários

Cunha Leal evangélico

A interessante revista Seara Nova publicada no seu último número, de autoria do sr. Raúl Proença, o sueto que a seguir reproduzimos:

Do discurso do sr. Cunha Leal no aniversário da eleição de Pio XI, que, segundo o Diário de Notícias, «teve repto brihanteras e provou uma grande sinceridade e uma notável evolução de ideias». Fui educado catolicamente, mas o racionalismo que desvairou tantos homens da minha geração desvairou também o meu espírito, mas muitas vezes, e é medida que a vida tem caminhado para mim, pego que a graça de Deus me chame de novo para Ele.

Imagine os senhores: à medida que a vida (querer dizer, o dinheiro da Moagem, os prédios nas avenidas novas, o discurso do ponto de honra, o lugar de vice-governador, etc., etc., etc.) tem caminhado para Ele, o sr. Cunha Leal vai pedindo sempre que a graça de Deus o chame de novo para si.

Neste avanço da vida para Cunha Leal e de Cunha Leal para a graça de Deus, em que espécie de banco pensará S. Ex. a que vai encontrar? Quem sabe! Talvez no banco de reus... do juízo final.

Citado...

O Século, pela pena do Pereira da Rosa, meteu-se há tempos num bêco sem saída, decretando que nunca mais lerá A Batalha. Continuou a ler-la e a ver quanto formidável revelações nós fazímos a seu respeito. Agora não quer responder-nos, porque isso significaria confessar que não cumpria a sua palavra e continuava a ter-vos. Raivo-sos, o bom Século quer então, julgando que os outros são parvos, intrigar-nos com as Novidades na esperança de que os inimigos envolvidos em conflito o deixem em paz. Citado, é melhor desistir. Seguramente pelas orelhas e não o largamos — nem mesmo com ameaças de tiros as cabazadas. E

Esbirros

Vem agora o órgão das «fôrças vivas» insistindo numa linguagem torpe junto da polícia, que tem estado às suas ordens, para que prendam o dr. Pacheco de Amorim. Não conhecemos este cavalheiro, nem queremos conhecê-lo. E' muito possível que ele seja uma das criaturas mais desonestas desse país — tão desonestas como os dirigentes do Século. O que nos repugna e queremos aqui frizar para melhor elucidado do público, é a maneira odiosa como aqueles ladrões das «fôrças vivas» reclamam ca-

OS CRIMES DA IGREJA:

O Instituto Profissional Femenino é um colégio congreganista pertencente à ordem de São Vicente de Paula

Há padres que se servem do seu papel de confessores para sepultar raparigas nos conventos de Espanha e França!

A solidariedade entre os da Santa Madre Igreja pode romper-se por questões de ordem comercial e bem fizeram os de Fátima em abrandar a possível cólera dos de Lourdes, empenhando-se na organização de peregrinações. Lourdes não quer ser destronada, nem sofrer concorrências que logo passaria a considerar desleais. E a organização das peregrinações a Lourdes não obedece a exigências da fé, mas a um acto de corteza comercial, manejando-se a vontade dos crentes ao sabor de todos estes caprichos e de todas estas intrigas. Todos os anos, centenas de pessoas são empilhadas em comboios para que os vendedores de Deus e de Água de Lourdes se não zanguem. E' claro que os peregrinos ignoram a verdadeira razão porque os arremessam anualmente para Lourdes, supondo que os aconselham a ir àquela cidade santa da França, para serem contemplados com milagres.

A exploração que é exercida aos peregrinos de Fátima é grande, não se dando muito por ela, pela maneira habil como se extorque o dinheiro aos fanatizados. As ofertas em dinheiro vão todas para Leiria, onde são arrecadadas e as que são feitas em azete, cereais e outros generos ficam em Fátima. Os padres não têm a menor piedade, aceitando todas as ofertas de gente pobre, pobrissima, que se condene à fome para dar tudo o que possuem à Virgem. Ou não fôsse a igreja uma grande exploradora sem escrúpulos que chega a construir templos riquíssimos, com o que rouba à fé de multidões famintas e esfarrapadas. E' esta a bondade suprema da religião católica: lançar impostos à miséria, tarifar todas as dores e sofrimentos humanos.

A obra das Congregações tem dado, conseguimos referir, seus frutos de amor e de bondade...

Hoje, e para fecho deste artigo, indicamos mais alguns desses frutos: D. Maria Manuel de Sousa Prego é uma pobre senhora que sua filha, D. Maria de Lourdes, abandonou em precárias circunstâncias para ir para um convento da França. Sua mãe sofreu um rude abalo, ficando mentalmente um pouco transtornada. O autor deste artigo crê o virtuosoíssimo padre Monet.

A Congregação de São Vicente de Paula e as virtudes do padre Monet

Em Portugal, não existe, únicamente, a Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima: existem outras, não menos perigosas e nefastas, vivendo tódas à margem da lei, usando, para com elas, os poderes públicos dum grande benevolência, consentindo o seu funcionamento.

A Congregação de São Vicente de Paula possui em Lisboa, na rua de Santa Marta, ocupando todo o prédio n.º 92, um colégio de raparigas que tem a habilidade denominada de Instituto Profissional Feminino. As freiras daquela Congregação estão iniciadas de despir os hábitos, não estando, por esse facto, a dirigir a escola. O padre Monet da igreja de São Luís, sita na rua Eugénio dos Santos, um pouco antes do Coliseu dos Recreios, é quem escolhe as professoras que são sempre, invariavelmente, criaturas muito devotas e fanáticas em quem tem uma cega confiança.

A «educação» dada naquele colégio é fundamentalmente a mesma da dos Santos. O colégio tem capela própria, bem guardinica de imagens. Todos os dias o terço é rezado nas aulas e no ouvir dos bordados. Fazem-se freqüentes leituras de santas exaltadíssimas, citando-se muito, para exemplo das raparigas a vida de Santa Joana de Chantal, uma fanática que abandonou a família, desprezando seu marido e seu filho, chegando para ingressar no convento a passar sobre o corpo d'este último. E' destas extravagantes, destas anormais, destas alucinadas que atingem a suprema insensibilidade, que as torna capazes de desprezar os filhos que geraram nos seus flancos, que a Igreja se serve para desvir as raparigas da obra do amor, da obra da vida enjaulá-las em conventos, arrancando-as a todas as alegrias sadias, mutilando nelas todo o sentido humano.

A obra destes indivíduos, destes pretensos servidores dum Deus escravo dos seus interesses, constitui um atentado à vida, uma profanação do espírito, uma degradação, a suprema degradação do corpo humano. Combaté-los é praticar uma obra meritória e evitar que alastre esta epidemia, aviltante para a dignidade humana. Se são doidos, isolados, entreguem-nos aos psiquiatras. Aos loucos não pode assistir o direito de atentar contra a razão e contra a vida dos que conservaram a lucidez do seu espírito. Se são tartufos — e são-no quase todos — é combatê-los, expulsá-los das nossas consciências e do nosso convívio, visto que sua acção é perniciosa à vida, é contrária a todos os nossos ideais e inimiga de todas as nossas aspirações. Seria uma

Osrurais de Cabeço de Vide

prêses na cadeia de Fronteira

estão há 61 dias iniquamente privados

da liberdade

FRONTEIRA, 17. — Há 61 dias que na cadeia desta vila se encontram aqueles trabalhadores rurais de Cabeço de Vide, vítimas do voso ódio do dr. sr. Alexandre Lopes Russo e seus sequazes.

O julgamento destes trabalhadores foi marcado para o dia 30 do passado mês e para a comarca de Portalegre. Porém altas influências se moveram e o julgamento foi negociado pelo escrivão encarregado do processo e pelos negregados alzoges.

Há quem assevera que os acusados depositaram quatro contos para levarem por diante a prisão daqueles honrados trabalhadores, o que a confirmar-se demonstra que o adiamento do julgamento foi negociado pelo escrivão encarregado do processo e pelos negregados alzoges.

Seja como for, o que é verdadeiro, é que o julgamento não se realizou e quando se efectuar terá lugar em Extremoz e não em Portalegre, como devia ser, visto os arguidos pertencerem a Cabeço de Vide.

A que obedeceria este adiamento e esta

mudança de tribunal? — E.

“Os Mistérios do Povo”

Por motivo imprevisto fomos forçados a suspendermos por alguns dias a publicação do nosso interessante folhetim, do que pedimos desculpa aos nossos leitores

deixa para os outros. Que baixa de processos! Nós conhecemos os ladrões, os maiores, os Inocentes. Desmascaramos os maiores e os mandamos vender. Não somos esbirros.

O REGIME DOS TABACOS

A base décima da proposta que o Parlamento vai discutir cerceia velhas regalias do pessoal

Há muito tempo que um problema económico não consegue provocar tão viva discussão como éste dos tabacos que o Parlamento vai discutir dentro de poucos dias. Toda a imprensa à portas tem apreendido o assunto segundo a conveniência do seu grupo, não curando de saber se a «Regie» é o melhor regime para o consumidor e para o operário das fábricas, ou se a liberdade de fabrico é o regime ideal.

A preocupação tem sido outra. Tem sido apenas a de assaltar o magnífico filão que é o exclusivo do fabrico para dêle arrancar os máximos proveitos — os proveitos que mantêm em permanente ociosidade essa cativa de parasitas que enxameiam a sociedade portuguesa.

Por ser este apenas o interesse de alguns jornais, o assunto nos últimos dias vem sendo vivamente agitado, sendo quaisquer unânimes no combate à «Regie»: jornais conservadores e jornais liberais. Porque a «Regie» não corresponde dum maneira suficiente às conveniências da economia nacional? Porque a «Regie» não assegura as justas regalias do pessoal, algum com mais de 60 anos de exercício profissional? Porque a «Regie» onera o consumidor com novos encargos?

Esses três problemas pouco incomodam aos novos titulares! Podem esgrimir com qualquer déle para levar a água ao seu moinho. Mas no fundo o que os interessa é a liberdade de fabrico; não — repetimos — para que os interesses do público fiquem assegurados, mas sim para que os interesses do grupo possam vingar.

Também nós não defendemos a «Regie» como não, defendemos qualquer outro regime. O único por que teríamos armas, é a socialização das fábricas, já os dissemos: é inéquivel. Não defendemos a «Regie», mas exigimos dele, se conseguir substituir o monopólio privado, que sejam garantidos ao pessoal os direitos que 60 anos de trabalho e cansaço tornam digno de respeito. Exigimos dêste ou outro regime que substitua o existente, que essa legião de famintos que há 30 anos sofre a vil exploração dum exercendo monopólio tem um viver mais sozinho. Exigimos que o pessoal hoje extraordinário gosse dos mesmos direitos que o pessoal considerado da «Regie». E finalmente exigimos ainda que os pobres velhos com mais de 20 anos de serviço e 60 de idade sejam reformados, não com a miséria verba de 5800, mas com uma verba que possa fazer face aos seus encargos de família.

Por ser esta a nossa única atitude em face do problema dos tabacos que tanta cegueira está levantando, é que no nosso número de domingo iniciámos a análise à proposta que o ministro das Finanças apresentou ao Parlamento, análise que prosseguimos hoje na base décima e seus parágrafos.

— BASE 10. — Dos lucros líquidos de cada ano económico será retirada a importância correspondente de 512 por cento desses lucros para ser distribuída pelos Conselhos de Administração e Fiscal e pelo pessoal operário e não operário, pela forma seguinte:

18 por cento para o Conselho de Administração;

124 por cento para o Conselho Fiscal;

14 por cento para o pessoal operário e não operário.

§ 1.º Os quinhões pertencentes aos Conselhos de Administração e Fiscal serão divididos igualmente pelos seus membros.

§ 2.º Do quinhão destinado ao pessoal operário e não operário, será atribuída uma parte à doação da Caixa de Pensões e Reformas, sendo o resto entregue pelo Conselho de Administração à respectiva Associação de Classe ou Sindicato Profissional.

18 por cento para o Conselho de Administração;

14 por cento para o pessoal operário e não operário.

§ 1.º Os quinhões pertencentes aos Conselhos de Administração e Fiscal serão divididos igualmente pelos seus membros.

§ 2.º Do quinhão destinado ao pessoal operário e não operário, será atribuída uma parte à doação da Caixa de Pensões e Reformas, encontrando-se uma contradição flagrante: as regalias que a base outava mantêm são destruídas pela contradição da base décima.

E' bom saber ainda, que o pessoal das fábricas indistintamente, tem participação de lucros, a qual desaparece com o princípio fixado pelo parágrafo segundo da base décima.

Se não for clara a referida base, temos o direito de supor que os direitos do pessoal, ao invés do que se diz no relatório que antecede a proposta do sr. Marques Quedes, continuariam a merecer da «Regie» aquele cuidado que sempre mereceram do monopólio privado e que deu origem ao regime de fome a que nos temos referido.

Como o problema é vasto voltemos a ocupar-nos dele com o interesse que a situação do pessoal nos merece, não esquecendo, também, que os direitos do consumidor são credores de todo o respeito.

Esperamos que a Comissão Pró-Presos apela para todos os operários conscientes a fim de que, nos locais de trabalho, sejam abertas subsecções para os presos por questões sociais.

Espera essa comissão que, tendo em conta a situação angustiosa que os presos por questões sociais actualmente atravessam, nenhum operário deixará de concorrer com o seu auxílio para lhes minorar seu sofrimento e evitar que pereçam pela fome. Que nenhum operário deixe hoje de cumprir o seu dever de solidariedade.

Contra os divisionistas da organização operária

Câmara Sindical do Trabalho do Pórt

Na primeira reunião do seu Conselho Geral, realizada anteontem, a Câmara Sindical do Trabalho do Pórt aprovou a seguinte moção, apresentada pelos delegados gráficos:

“A Câmara Sindical do Trabalho do Pórt o reconhece, ao principiar os seus primeiros trabalhos, que uns novos Proteus

sob o ponto de vista operário, andam em empenhados numa tarefa divisionista e, portanto, desmanteladora da organização operária sindicalista revolucionária, cujo defecção aproveita à burguesia, manifestar o seu mais veemente protesto contra os manejos sci

cionistas a que, em todos os momentos

em qualquer parte, nortejam a sua ação de acordo com os princípios sindicais revolucionários.

PROGRAMA

FESTAS COMEMORATIVAS
DO
7.º ANIVERSARIO
DE
"A BATALHA"
(Dias 21 e 28 de Fevereiro)

DOMINGO, 21

A's 12 horas. Quermesse e exposição da sede.
A's 14 horas. Conferência por Manuel Joaquim de Sousa sobre "A missão da Imprensa Operária".
Concerto pela excelente banda da Academia Filarmónica VERDI.

SEGUNDA-FEIRA, 22

A's 19 horas. Continuação da quermesse. Sarau Dramático e Musical pela muito apreciada Tuna Tondelense e Grupo Dramático Solidariedade Operária que representará o drama social em 3 actos, "Gatunos de Luva-Branca". Um entreto social.

TERÇA-FEIRA, 23

A's 19 horas. Continuação da quermesse. Concerto pelo aplaudido Grupo Dramático e Musical "Os Amigos da Paróquia". Recitativos pelos muito apreciados alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira. Um acto de ilusionismo pelo artista Eduardo Relvas.

QUARTA-FEIRA, 24

A's 20 horas. Continuação da quermesse. Concerto por um grupo musical sob a direcção do apreciado amador Sebastião Marques. Concurso Poético por distintos cultivadores do fado, acompanhados por exímios guitarristas. Entreto de polémica Teológico-Filosófico-Social: "Não Creio em Deus".

QUINTA-FEIRA, 25

A's 19 horas. Continuação da quermesse. Trabalhos de ilusionismo pelo distinto artista Ling Constantino. Recitativos pela apreciada amadora Carmen Ferreira, sendo abrillantados pela excelente "Troupe Musical Os Bichinhos". Entreto de hipnotismo pelos amadores desta ciéncia Silva Carvalhais e Alfredo Miranda.

SEXTA-FEIRA, 26

A's 21 horas. Espectáculo no Teatro Apolo precedido dum conferência pelo distinto crítico teatral de "A Batalha" Nogueira de Brito, sob o tema: "A Influência do Teatro na Educação Popular". Subirá à cena a peça já aureolada de grande sucesso "Malquerida", desempenhada pela grande companhia de declamação Berta Bivar-Alves da Cunha.

DOMINGO, 28

A's 15 horas. Grandioso concerto musical pela popular banda da Sociedade Filarmónica de Instrução e Recreio Barreirense. Palestras sobre assuntos de organização sindical. Encerramento da quermesse e formação das festas.

RESPOSTA A "EPOCA"

Na defesa da infiltração clerical nos hospitais civis, o órgão católico exalta as virtudes da enfermagem religiosa, esquecendo-se dos crimes das irmãs da caridade

A "Epoça", pela pena do seu redactor A. B., está travando uma campanha contra os hospitais civis de Lisboa, e no seu artigo de ontem, aproveita a ocasião para atacar a enfermagem laica a propósito dos fins da Liga dos Amigos dos Hospitais, afirmando o seguinte:

“Um dos principais fins da Liga deveria ser o de substituir a enfermagem laica — pretexto legal para mil e um erros, escândalos, faltas e abusos, e, até repugnantes imoralidades — pela enfermagem religiosa, a mais sublime de fôdas pelo seu altíssimo espírito de abnegação de caridade cristã mas até hoje, a Liga não se referiu a este ponto capital, embora tenha procurado difundir-se em meios essencialmente católicos, que são os únicos onde existe, ainda, o sentimento da caridade.”

Também concordamos que a Liga deve dizer claramente se é ou pretende ser uma instituição religiosa, se pretende imiscuir-se em assuntos de enfermagem. Não me parece que assim seja, no entanto sei muito bem que há lá amigos que afiam pelo mesmo diâsparo de "A Epoça".

Muito desejaria que o informador misterioso, que deve ser alguma das ratas de sacristia, dissesse, claramente, ao público e muito principalmente aos seus leitores, os erros, os escândalos, faltas, abusos e até repugnantes imoralidades da enfermagem laica, porque me parece que as pedras iriam cair em cheio nos telhados de bons católicos que acolhiam o jornal reacionário.

Parece-me que os católicos quando menos ficam logo em pecado mortal e a "Epoça", órgão oficial da religião e da monarquia, trabalha a duo, deve dizer a verdade e relatar o que os leitores acabaram de ler, a fim de todos ficarem conhecendo as imoralidades e os seus autores.

De resto já sabemos há muito tempo, que o espírito de abnegação e de bons sentimentos estão monopolizados pelo cristianismo e muito principalmente pelos nossos católicos. A enfermagem profissional, essa, sómente cheia de escândalos e de abusos. Agradeçam os elogios algumas enfermeiras dos hospitais que frequentam a igreja e fogem da Associação.

A enfermagem laica é a que desempenham as irmãs da caridade, sem o menor respeito pela vida dumha criatura, porque o que há a tratar é da alma e não do corpo, e como dizia uma irmã da caridade num hospital do Porto, quando um doente se queixava: sofra, sofra, que Cristo também sofre.

Se a enfermagem laica cometesse a série de abusos a que se refere "A Epoça", de certo, já teria pedido para toda essa gente a força, o que poderiam fazer descrevendo a série de abusos e crimes das irmãs da caridade. É uma questão de lembrar, porque estas ratastas estão muito esquecidas. Desgraçada Sara de Matos, assassinada pela mão carinhosa dumha irmã da caridade Irmã Colecta, anjo no espírito de abnegação e de caridade cristã.

Mendes Lage, o seráfico católico e bom

Certame de cegadas

Realiza-se hoje e amanhã no Salão de Festas da Construção Civil um concurso de cegadas que foram premiadas em várias Sociedades. Serão conferidos três prémios às que melhor se exibirem. O juri é composto por criaturas competentes.

Realiza-hoje na sede do Sindicato Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º, pelas 21 horas, um concurso de cegadas que obtiveram prémios em diversos concursos já realizados.

São conferidos 2 prémios às mais classificadas.

Exposição de pintura

Na Sociedade de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, abre hoje, pelas 15 horas, uma exposição de pintura do artista pintor sr. Joaquim Lopes.

CAMARA SINDICAL DO TRABALHO DO PORTO

Na sua 1.ª reunião, o Conselho Geral, entre outras resoluções importantes, protestou contra as deportações e saídos "A Batalha" e a C. G. T.

Na quarta-feira passada, efectuou-se a primeira reunião do Conselho Geral do Porto. Estavam presentes os delegados dos seguintes organismos: Sindicatos Únicos: Metalúrgico, Construção Civil, Têxtil, Mobiliário, Vestuário e Metalúrgicos de Gaia; Ligas: das Artes Gráficas e da Viação Portuguesa; e Associações: dos Litógrafos, Jardineiros, Manipuladores de Pão, Marmitões, da Foz do Douro, Taneiros, Barbeiros e Confiteiros e Artes Correlativas.

Aprovada a acta da última sessão do Conselho Federal da extinta União dos Sindicatos Operários, são lidos ofícios da Liga das Artes Gráficas, Confiteiros, Enfermeiros, Construção Civil e Metalúrgicos de Gaia — acreditando os seus novos delegados e saídos a Câmara Sindical do Trabalho, fazendo votos para que a organização local entre numa nova fase de vitalidade sindicalista e que de futuro os seus trabalhos sejam numa proficiência comprovada.

Depois de José Rodrigues Reboredo, em nome da sua classe, apresentar as suas saudações efusivas à Câmara, e de dar algumas explicações de ordem interna — foi lido o relatório financeiro da C. A. da U. S. O., para a qual foi nomeada a seguinte comissão revisora: C. V. S., Rodrigues Reboredo e Francisco de Sá.

Foi aprovada uma moção assinada por Marcelino Pedro, Francisco Ferreira e C. V. S., dos gráficos, no sentido de se conseguir uma outra sede, dada a insuficiência das salas da Liga das Artes Gráficas para o movimento que a Câmara Sindical deve ter posteriormente.

Augusto de Paiva, dos Barbeiros, editou para que essa nova sede a conseguir esteja nas condições de servir para os restantes organismos operários — tanto mais que há algumas coletividades corporativas que experimentam a necessidade quase absoluta de uma nova sede.

Aprovado o aditamento, foi nomeada uma comissão para tratar deste caso, a qual fica composta dos seguintes camaradas: Joaquim do Carmo, Vaz Osório e Tavares Adão.

Tratou-se, depois da triste situação dos presos por questões sociais e da ação que a Câmara tenciona desenvolver pró solidariedade aquelas vítimas das autoridades republicanas. Para que este gesto de solidariedade atinja uma expansão exigida pelas circunstâncias penosas em que se encontram os presos, foi nomeada a comissão seguinte: Francisco Ferreira, Jacinto Garcia, Joaquim do Carmo, Joaquim Augusto de Paiva e João Fernandes — dentro os quais saírá um delegado para assistir a uma assembleia que os manipuladores de pão vão efectuar pró presos.

É oprovado este documento de J. Reboredo:

O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho do Porto, reunião hoje pela primeira vez, saída a C. G. T. como representante do operariado do país e, portanto, do operariado desta cidade — bem como "A Batalha", porta-voz da organização operária. Ao mesmo tempo este Conselho faz votos por que o operariado do Porto, integrado no princípio de luta de classes, saiba corresponder activamente aos objectivos do novo organismo criado nesta cidade, contribuindo assim para a definitiva constituição das células da Organização Operária, base dumha sociedade mais justa e igualitária em substituição da nefanda sociedade burguesa, causa das iniquidades sociais.

Foi também aprovado o seguinte documento apresentado por C. V. S.:

O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho do Porto, a encerrar os trabalhos da sua primeira sessão, saúda os deportados e grevistas de Lourenço Marques e protesta veementemente contra o régulamento do alto comissário de Moçambique.

José R. Reboredo fez diferentes perguntas sobre a existência da União dos Trabalhadores Marítimos do Norte e aíncra ainda de uns delegados divisionistas que foram ao Porto — queis Joaquim do Carmo respondeu em seu nome simplesmente, declarando que oficialmente, e de um modo mais claro, em breve a C. S. terá mais amplas informações.

Satisfeito o camarada interpelante com as explicações, submeteu à aprovação este protesto:

O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho do Porto, hoje reunido pela primeira vez, protesta contra as deportações ordenadas pelo governo português e saúda todos os camaradas deportados que se encontram a ferros desta República — saúda, aliás, que abrange todas as vítimas do regime capitalista sem distinção de fronteiras.

Reconhecendo-se a necessidade da noção da Delgação Confederal do Norte, procedeu-se a ela, dando este resultado: C. V. S., J. Carmo, Zácaras de Lima, Marcelino Pedro e Tavares Adão.

Realiza-se hoje e amanhã no Salão de Festas da Construção Civil um concurso de cegadas que foram premiadas em várias Sociedades. Serão conferidos três prémios às que melhor se exibirem. O juri é composto por criaturas competentes.

Realiza-hoje na sede do Sindicato Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º, pelas 21 horas, um concurso de cegadas que obtiveram prémios em diversos concursos já realizados.

São conferidos 2 prémios às mais classificadas.

Exposição de pintura

Na Sociedade de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, abre hoje, pelas 15 horas, uma exposição de pintura do artista pintor sr. Joaquim Lopes.

A BATALHA

AS GREVES

Pessoal da fábrica Vulcano

Reuniu ontem o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar o seu movimento. Foram depois desta reunião distribuídos os donativos aos grevistas.

Hoje reúne-se pelas 14 horas, na sede do sindicato, para tratar dum assumto importante.

Quetas abertas em diversas oficinas a favor dos grevistas:

Oficinas do Novo Manicômio Miguel Bombarda, 1525; Oficina Cutelaria e Serralheria Vítiá José da Silva, 1500; Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, 1500; Serração Vítiá, 1300; Sociedade Industrial de Chocolates 24 de Julho, 1485; Fábrica de Chocolates Iñiguez, 290; Serração Vítiá Ferrão, 26940; Sociedade Nacional de Carreiros, 1500; Oficina Cardoso, 2950; Companhia Nacional de Moagem, 2425; Oficina Guilherme Marques, 1350; Serração L. Lino, 2080; Fábrica Serralheria, 2420; Oficinas da Parceria dos Vapores Lisboenses, 19955; C. P. Santa Apolónia, 97365; Fábrica Portugal, 8250; Joaquim de Sousa, 2500; Oficina José dos Santos, 1500; Companhia Previdente, 3190; Metalúrgicos Douro e Abaixo, 1050; Oficina Capuchinho, 5100; Companhia das Tabacarias, 11050; Oficina Tibaldo e Tavares, 23500; João Porte Oficinas, 1300; Fábrica Strel, 6100; Oficina Henrique, 500; Oficina Edwardo Augusto de Oliveira, 2550; Loja Mecânica J. R. Silva Carvalho, 1150; Oficina Pinhão, 1000; Oficina Jacinto Ferreira, 12550; Oficina Vital, 2055; Instituto Superior Técnico, 1150; Metalúrgicos a bordo do "Fernão Veloso", 5010.

Shell, secção de chauffeurs, 18500; Central Tejo, 26300; Fábrica Promínte, 4050; Oficina Machado, 9500; Sociedade de Construções Metálicas, 1725; Parry & Sons, Cinjal, 5900; Oficina de Parafusos da calçada dos 7 Moinhos, 1750; Oficina Joaquim da Estrangeira, 14000; Oficina Freitas, 1650; Oficina Argibao, 2000; Oficina Vicente Esteves, Amoreiras, 4325; Oficina Lory & Irmãos, 8800; Metalúrgica Naval, 6500; Oficina de Caldeiraria e Forjas, 1190; Casa Fiat, 3450; Capuchinho da Mouraria, 1300; Oficina Vítiá José da Silva, 17500; Fábrica de Cerveja Jansen, 21000; Oficina da Batalha, 10500; Vaccum Oil Companhia, secção de latoaria, 33500, Um grupo de operários, 48300; Metalúrgica da Granja, 6500; Fábrica Simões de Benfica, 10800; Moradores da Vila Adélia, 2520; Oficina Norberto, 1450; Oficina João de Matos & C., 2400; Oficina A. E. G., 27500; Companhia das Aguas, Campo de Ourique, 2750; Oficina Vitor Knoz, 11500; Oficina Ivo Dias, 1750; Oficina Lisboa, 5000; Augusto & Dias, oficina, 25550; Oficina Darjant, 6450; Fábrica da Bolacha da Pamplona, 37500; Companhia de Telefones, 2400; Oficina Domingos da Silva, 16500; Oficina Romão & C., 3100; Grupo de Operários José Alexandre, 12550; Companhia Oriental, 19500; Rue Vieira Lusitano, oficina, 8500. Total, 2.10340.

Shell, secção de chauffeurs, 18500; Central Tejo, 26300; Fábrica Promínte, 4050; Oficina Machado, 9500; Sociedade de Construções Metálicas, 1725; Parry & Sons, Cinjal, 5900; Oficina de Parafusos da calçada dos 7 Moinhos, 1750; Oficina Joaquim da Estrangeira, 14000; Oficina Freitas, 1650; Oficina Argibao, 2000; Oficina Vicente Esteves, Amoreiras, 4325; Oficina Lory & Irmãos, 8800; Metalúrgica Naval, 6500; Oficina de Caldeiraria e Forjas, 1190; Casa Fiat, 3450; Capuchinho da Mouraria, 1300; Oficina Vítiá José da Silva, 17500; Fábrica de Cerveja Jansen, 21000; Oficina da Batalha, 10500; Vaccum Oil Companhia, secção de latoaria, 33500, Um grupo de operários, 48300; Metalúrgica da Granja, 6500; Fábrica Simões de Benfica, 10800; Moradores da Vila Adélia, 2520; Oficina Norberto, 1450; Oficina João de Matos & C., 2400; Oficina A. E. G., 27500; Companhia das Aguas, Campo de Ourique, 2750; Oficina Vitor Knoz, 11500; Oficina Ivo Dias, 1750; Oficina Lisboa, 5000; Augusto & Dias, oficina, 25550; Oficina Darjant, 6450; Fábrica da Bolacha da Pamplona, 37500; Companhia de Telefones, 2400; Oficina Domingos da Silva, 16500; Oficina Romão & C., 3100; Grupo de Operários José Alexandre, 12550; Companhia Oriental, 19500; Rue Vieira Lusitano, oficina, 8500. Total, 2.10340.

Shell, secção de chauffeurs, 18500; Central Tejo, 26300; Fábrica Promínte, 4050; Oficina Machado, 9500; Sociedade de Construções Metálicas, 1725; Parry & Sons, Cinjal, 5900; Oficina de Parafusos da calçada dos 7 Moinhos, 1750; Oficina Joaquim da Estrangeira, 14000; Oficina Freitas, 1650; Oficina Argibao, 2000; Oficina Vicente Esteves, Amoreiras, 4325; Oficina Lory & Irmãos, 8800; Metalúrgica Naval, 6500; Oficina de Caldeiraria e Forjas, 1190; Casa Fiat, 3450; Capuchinho da Mouraria, 1300; Oficina Vítiá José da Silva, 17500; Fábrica de Cerveja Jansen, 21000; Oficina da Batalha, 10500; Vaccum Oil Companhia, secção de latoaria, 33500, Um grupo de operários, 48300; Metalúrgica da Granja, 6500; Fábrica Simões de Benfica, 10800; Moradores da Vila Adélia, 2520; Oficina Norberto, 1450; Oficina João de Matos & C., 2400; Oficina A. E. G., 27500; Companhia das Aguas, Campo de Ourique, 2750; Oficina Vitor Knoz, 11500; Oficina Ivo Dias, 1750; Oficina Lisboa, 5000; Augusto & Dias, oficina, 25550; Oficina Darjant, 6450; Fábrica da Bolacha da Pamplona, 37500; Companhia de Tele

A Indústria Vidreira seriamente ameaçada

Se não se atender à situação grave que atravessa a especialidade cristaleira em breve encerrão as respectivas fábricas

Dissemos no artigo anterior, que o cristal não tem fôde os poderes centrais aquela protecção que era mister. Basta ver a disponibilidade de garantias da mesma especialidade vidreira, para se ver, que a persistir tal situação, o cristal terá que deixar de figurar como indústria nacional.

A agravar tudo isto temos ainda a circunstância de o cristal ser composto de matérias primas importadas do estrangeiro.

Não sabemos qual o motivo que determinou o desprôs pelo pedido feito há tempos para a alteração das pautas do cristal.

Quere-nos parecer que não se tomou em consideração a reclamação ultimamente feita, pois que se o tivesse sido, alguma coisa haveria neste sentido. A especialidade cristaleira tem tanto artefacto que, para os enumerar, ocupariam muito espaço.

Há, por exemplo, uns artigos que enfileiram na categoria de inferiores, já porque o vidro de que são feitos, não é cristal de primeira; já porque os despendos com a mão de obra são relativamente poucos.

São estes artigos que os cristaleiros querem equiparar com a vidreira, devido à sua analogia.

Todavia, o vidro de vidreira, é feito de materiais ordinários, enquanto que o cristal já tem outros requisitos.

Ainda a fundição da vidreira é feita em fornos de tanque e a fundição do cristal, em fornos de potes ou cadinhos. A vidreira até chegar ao armazém pode passar pelas mãos de sete homens, enquanto que um copo, por muito ordinário que seja, passa por nove ou dez pessoas.

E' bom notar que só contamos aquele pessoal que o manipula, aperfeiçoando e acabando.

Para demonstrarmos melhor como é diferente a fabricação da vidreira à do cristal, diremos que, junto do forno, sómente no forno—se empregam sete pessoas, para a fabricação de um copo, enquanto que na vidreira simplesmente se empregam três.

Passam ainda os artigos de cristal por certas preparações que tornam mais oneroso o mesmo objecto. Além disso os artigos de cristal, são por sua construção, muito mais frágeis do que os de vidreira.

* * *

Os artigos de que temos falado são de cristal ordinário.

Porém, há ainda na mesma especialidade, outra categoria: a do cristal fino e cores diversas.

E' no fabrico destas peças, que dizem estar a fatura muito atraçada em comparação com o estrangeiro.

O estrangeiro de facto apresenta coisas de gênero, verdadeiramente maravilhosas.

Mas isso não quer dizer, que em Portugal as não saibam fazer. Só o dão aqueles que descrevem no espírito inventivo do homem.

O vidreiro português, não tem, é certo, a preparação necessária, mas tem por seu lado, como ajuda poderosa, uma grande intuição dos problemas industriais que directamente lhe dizem respeito.

Nas oficinas de manipulação do cristal não há máquinas. No estrangeiro são elas que dão ao homem o poder para completar aquilo que o espírito começou.

A-pesar-disso, ninguém até hoje se pode gabar que entregasse uma amostra a um cristaleiro, que ele é não executeus depois de algum estudo.

Pedidos à administração de A BATALHA.

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	11	13	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 7,23
S.	13	20	27	Desaparece às 18,19
D.	14	21	28	FASES DA LUA
S.	15	22	—	L.C. dia 27 às 16,51
T.	16	23	—	Q.M. 5 a 23,25
Q.	17	24	—	L.N. 17 a 17,20
			Q.C. 19 a 12,50	

MARES DE HOJE

Praiamar às 8,52 e às 9,28

Baixamar às 1,41 e às 2,22

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sóbre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque..	2576	
Paris, cheque..	571	
Suica,	3777	
Bruxelas cheque	889	
New-York,	19555	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	79	
Brasil,	292	
Praga,	58,5	
Suécia, cheque..	524	
Austrália, cheque..	2576	
Berlim,	4567	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Flimnésio.—A's 21,15 — «Vida e doçura». Revista Nusa.

Apolo.—A's 21,15—«Maridos encravados».

Trindade.—A's 21,15—«Arco-Iris».

Pelourinho.—A's 21,15—«Não te melindres Beatriz».

São Bento.—A's 1,30 — «Pobre Valbuenas» & Al-saciana.

Brenfim.—A's 21,15—«O Pão de Ló».

Flor.—A's 20,30 e 22,45 — «As onze mil virgens».

Teatro Vitoria.—A's 20,30 e 22,30 — «Foot-Ball».

São Bento.—A's 9,15 — «Pom Pom».

Coliseu.—A's 21 — «Grande companhia de círcos».

Joaquim de Almeida.—«Animatografo».

Cine-Clube (A Graciosa).—«Espectáculos às 3,30». «Salões e domingos com ematines».

Teatro Ercue.—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado — Terra-ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora	51831
Sapatos em verniz	58891
Bordos pretos (grande salão)	48831
Bordos pretos (pequeno salão)	52831
Grande salão de botas pretas	68851
Estolas de couro para homem	48831

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a CASA

Ver a Casa, bem só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria e na rua dos Cavaleiros, 18,20, com Filial na mesma rua, n.º 93.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A BATALHA acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Los hijos de la calle», de Federica Montseny.—Preço, \$50.—Pedidos à administração de A BATALHA.

Porque no país, tem-se por mania preferir o artigo estrangeiro ao nacional, muito embora o nacional seja por vezes muito melhor.

Mas então poderá concorrer?

Não pode, porque, os estrangeiros metem aqui os produtos sem lucro algum, e por vezes até com prejuízo. Sómente lhes interessa a entrada do ouro com as transferências.

Agrava esta circunstância, o facto de a indústria portuguesa ter que importar as matérias primas essenciais para o fabrico do cristal fino de primeira qualidade.

A especialidade cristaleira não poderá viver e prosperar fabricando sómente copos, garrafas e outros objectos ordinários. O cristal para viver, tem que acompanhar, as exigências da época.

Certamente que ninguém presentemente vai adquirir uma garrafa pesada, inestética, feita de hidrogelos em relevo.

Um destes copos que acumulam poeira nos riscos fundos que têm gravados nas paredes, foi banido, posto de lado porque é feio e anti-higiênico. Hoje quer-se um copo leve, transparente e elegante.

O que se dá com estes objectos dá-se presentemente com todos os que dizem respeito ao cristal. Não podendo a especialidade cristaleira competir com o estrangeiro, 20 que se impõe? Positivamente uma reforma de pauadas.

Reformando-se, porém, as pauadas o cristal subirá simultaneamente de preço porque está livre da concorrência estrangeira, dirá o leitor.

Isto não acontecerá porque o cristal, se não for acessível à bolsa do consumidor, não se venderá. ora, não se vendendo, haverá super-produção e as fábricas não poderão continuar a fabricar.

Presentemente os comerciantes do artigo de vidreira só adquirem cristal estrangeiro por lhes deixar maior margem de lucros, apontando até o nosso. No entanto não querer dizer que não se venda como estrangeiro muito artigo que é bem nacional...

Mas o consumidor, que se habituou a deixar-se enganar pelo «horário» e «parátrio» comercial, paga bem caro a sua ingénua vaidade.

São estas as principais causas que dificultam a expansão e progresso da indústria cristaleira portuguesa, que no tempo de Guilherme Stevens chegou a rivalizar com o estrangeiro.

Vales de FETRAIS

Edições de «A Semelhante»

Práticas neo-mauistianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$31

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$53

A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos a A BATALHA

cu no Cais do Sodré, 63

FATOS completos e sobretrudos

em bom chesite com bons forros e bom acabamento, para

homem, desde..... 129\$00

IMPERMÉAVEL para homens com capuz..... 245\$00

Duas faces para vestir dos dois lados, cós, pres, peito e becos..... 425\$00

Em gabinete preta de lâ, padrão de oficial de marinha..... 380\$00

Imitação de caurça e cabedal, modelo para automóvel..... 400\$00

IMPERMÉAVEL para senhoras com capuz..... 129\$00

Em la..... 225\$00

Descontos para revenda

Para a província remetemos catálogos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172

Rua do Amparo, 36

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serraleiros, etc., etc.</p

A BATALHA

A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Os ferroviários deportados de Lourenço Marques, ante a discussão de um empréstimo de 18.000 contos para a província de Moçambique, apresentam um resumo da obra nefasta — violências, crimes e esbanjamentos — do Alto Comissário Azevedo Coutinho, com vista ao público, aos senadores e deputados

Os ferroviários de Lourenço Marques, deportados pelo Alto Comissário de Moçambique, dirigiram ao poder legislativo uma larga Representação, na qual se faz a história do grandioso movimento grevista de Lourenço Marques e se explica quão de nociva tem sido a obra administrativa do sr. Azevedo Coutinho.

A representação referida é do seguinte teor:

No Conselho Executivo de Moçambique foi presente e aprovada uma Reorganização dos C. F. L. M. que aumentava os vencimentos do pessoal superior e diminuía regras do pessoal de tração, movimento e oficinas.

Contra as alterações de vencimentos e diminuição de regras, manifestou-se, no referido conselho, o ex-governador geral, dr. M. Moreira da Fonseca, e o ex-encarregado do governo, coronel Santana Cabrita.

O pessoal de tração e oficinas pediu a anulação dessa Reorganização, na parte que afectava as suas antigas regras.

O movimento

Não tendo o governo atendido o desejo dos ferroviários, estes, em 10 de Novembro reuniram-se na Casa dos Trabalhadores (edição que é propriedade das classes operárias) e resolvem largar o trabalho, no dia seguinte, pelas 10 horas.

Dia 11 de Novembro. — A 10 horas, os ferroviários largaram o trabalho ordenadamente, deixando todo o material na melhor ordem, sem um único parafuso fora dos seus lugares.

Nos dias seguintes o governo não tentou chegar a um acordo com os trabalhadores; mas decretou a mobilização do pessoal de tração e guindastes, considerando desertores os ferroviários dêstes serviços que se não apresentassem dentro do prazo de 48 horas.

Findo este prazo, como ninguém se apresentasse, poletões e patrulhas de polícias tentaram, pela cidade e círculos vizinhos, prender o pessoal mobilizado.

Paralelamente, o jornal oficial, dirigido por um tal Figueiredo Lima que se dizia das esquerdas democráticas que é pago pelo fundo do prémio das transferências, — começou a insinuar (o que era e é falso) que a greve tinha afinidades políticas e que havia altos funcionários dando impulso ao movimento. Mais tarde se viu que a calunia queria atingir o ex-governador que tinha vontade contra o aumento de vencimentos e diminuição de regras. O mesmo órgão inventou reuniões que se provou nunca se terem dado.

As prisões

Dia 30. — Paralelamente ao movimento ferroviário, corriam reclamações dos organismos económicos sobre má administração, excessivo prémio de transferências, etc., etc., — e como o governo não desse um passo para atender essas reclamações, em 30 de Novembro, pelas 15 horas, fechou o comércio, encerraram-se os estabelecimentos industriais, paralisou a viação, terminou toda a actividade em Lourenço Marques.

O ex-governador que combatera a Reorganização, já tinha sido substituído na secretaria do Interior por Bartolomeu Severino.

A greve das classes económicas manteve-se até ao dia 10 de Dezembro.

Dia 1 de Dezembro. — Foi preso um funcionário jornalista, falsamente acusado de presidir a reuniões tendentes a preparar um movimento que derrubasse o Alto Comissário. A acusação era falsa, ficou-se provou. Contudo mantiveram-no preso até dia 19, data em que o fizeram embarcar para Lisboa, com medo da sua acção na imprensa, visto que criara fama de jornalista de pulso e se licenciaria em 19 de Novembro, como que a dizer que dentro de poucos dias voltaria à actividade do jornal.

No mesmo dia foram presos os ferroviários Nuno Pedro, Zeferino e Figueiredo, — sem terem cometido qualquer acto que desse motivo a semelhante violência.

Para que os presos não respirassem nos calabouços, — no mesmo dia 1 foi destinado para a ilha de Moçambique o cabo de polícia Augusto Mota que servia como comandante dos referidos calabouços, acompanhando-o para o desterro o guarda Ruas, por ter dado um *viva* ao dr. Alvaro de Castro.

Dia 5. — Foi preso um comerciante do interior, por ter relações de amizade com alguns grevistas e com o funcionário detido no dia 1; e foi preso um guarda fiscal, acusado de ter ido ao Transvaal expedir telegramas para Lisboa a relatar a situação de Lourenço Marques.

Vem a propósito dizer que os telegramas tinham recebido ordens terminantes para não entregarem nem expedirem despachos que previamente não tivessem sido submetidos à censura do Alto Comissário.

Dia 6. — Sem motivo, foram presos os condutores ferroviários A. M. Pacheco, E. Rafael das Neves, Belmiro Braz e o factor Fonseca.

Dia 7. — Junto da passagem de nível de Lhanguene, descarriou um comboio. Não foram encontrados vestígios de não ter sido casual tal descarriamento.

Junto do local, por soldados indígenas, foi espancado o almanarife Costa Fialho e uma senhora e um cavalheiro ingleses que, por intermédio das respectivas autoridades consulares, protestaram e apresentaram pedidos de indemnização.

Dia 8 e seguintes. — Prisões em massa. Mudança dos presos dos calabouços do Comissariado para o porão do «Polana» e daí para a Carreira de Tiro. Início das viagens do vagão-fantasma, à frente das locomotivas, com grupos de ferroviários, dentro, mortos de rume, ao sol ardente, a chuva torrencial, etc.

Dia 13. — Cortejo das mulheres dos grevistas para que o Alto Comissário ordenasse que fossem soltos os presos e não

mais se repetissem a vergonha e desumanidade de colocar à frente das máquinas «o vagão-fantasma». O cortejo foi impedido de chegar à Ponta Vermelha por um forte esquadrão de cavalaria. Houve cargas das tropas, correrias, pranchadas, pedradas. O cortejo, depois de disperso, voltou a reunir-se e dirigiu-se ao comissariado, em altos gritos, a pedir a liberdade dos presos, sendo obrigado a dispersar perante novas cargas.

Dia 14. — Novo cortejo das mulheres, na baixa, pedindo ao comércio, etc., para paralisar o serviço no dia seguinte, como protesto contra o «vagão-fantasma». Novas cargas de cavalaria e da polícia, tendo sido rasgado a farda a um chefe de esquadra.

Dia 15. — Prisão de algumas mulheres. A 15 horas paralisação dos eléctricos, oficinas, etc., como protesto contra a «vagão-fantasma». Mais prisões.

Dia 16. — Intensificaram-se as prisões de ferroviários. Junto da Casa dos Trabalhadores, sob provocação da polícia, estabeleceu-se tiroteio de que resultaram ferimentos. A casa dos Trabalhadores foi assaltada. Os soldados negros instaram-se nela.

Dia 17. — Fazem-se prisões em massa. A casa ao homem transforma a cidade numa arena de terror. O camião da polícia passa o dia a conduzir presos para os calabouços. Foram assaltadas e saqueadas centenas de casas junto da Casa dos Trabalhadores. Rebuscam-se malas e enxergões. Apalpam-se homens e senhoras. Prende-se a torto e a direito. Quem transita pela parte ocidental da cidade é levado a uma esquadra para ser revisado.

Dia 18. — Continuam as prisões. A noite há 175 grevistas presos, sem falar em 15 ou 20 pessoas que jazem nos calabouços, simbolicamente por manifestarem simpatia pelos grevistas.

Depois das 10 horas da noite, sob uma tempestade infernal, aproximadamente 60 grevistas foram transportados dos calabouços do comissariado para a Carreira de Tiro.

Dia 19. — A 5 horas da tarde, partiu do porto o «Lourenço Marques». Desde as 2 horas, que se achava vedada a entrada no recinto do porto, com os portões fechados, excepto um por onde deviam entrar os passageiros e o pessoal de bordo. A 3 horas, em automóvel, guardado à vista, é conduzido do comissariado para o cais, o funcionário detido no dia 1. O cais, bastante povoado de militares e polícia. Desatracou-se. Ao largo, passaram o rebocador «Polana» para o «Lourenço Marques», 10 grevistas que o Governo deportava. Os processos instaurados no Comissariado de Polícia deram resultados negativos.

O art. 26.º (n.º 3, suas alíneas e §§) da Carta Orgânica, aprovada por Decreto n.º 200, de 28-1-1922, — só permite a expulsão de estrangeiros, e mesmo esses, mediante processo devidamente organizado e com o voto do Conselho Executivo. Contra a lei, o Alto Comissário deportou portugueses, alguns descalços, sem roupa, sem um centavo nas alígeiras, — ficando as suas famílias, em Lourenço Marques, sem recursos.

A hora da partida do barco, foi assaltado, por 15 polícias, uma casa na esquina das Avenidas 5 de Outubro e Manuel de Arriaga, para se prender um grevista; e, tendo-se este escapado, foi assaltada a casa de Paulo Stocking, em busca do fugitivo.

Dias seguintes. — Continuaram as prisões sem culpa e sem motivo. Para se prender o grevista Manuel J. da Silva, 17 polícias assaltaram a casa em que ele se encontrava escondido. Na estrada da Moamba, um numeroso grupo de polícias, para prender 3 mobilizados, assaltou a tíro, uma casa.

A cidade, desde o dia 1 de Dezembro, tem o aspecto dum acampamento militar. Esquadões percorrem-na a toda a hora. Junto da residência do Alto Comissário há metralhadoras. Este, querendo vangloriar-se ou afrontar a população após as primeiras prisões, foi, em 1-12, pelas 5 horas da tarde, apudada na Praça 7 de Março, quando passava de automóvel.

O jornal oficial, numa triste e infame cruzada, amontoa canalicões e calúnias em cada edição que põe a circular. Figueiredo Lima, director, como «O Século» (do 11-2, 5.º página) já noticiou, é guardado por uma quadrilha de desordeiros que tem a soldo, remunerada como él, pelo fundo do prémio de transferência (cambais). Ferroviário que aparece, se não podem prendê-lo, é pelo menos ameaçado disso e de morte, pelos sícarios comandados pelo Figueiredo Lima.

Contra o voto dos Conselhos Executivo e de Higiene, da Secretaria do Interior, das Associações Económicas da Província e contra o seu próprio voto, Azevedo Coutinho assinou um modus vivendi comprometendo-se a fornecer mão-de-obra para São Tomé e Príncipe a 5000 por indígena, quando a Agricultura de Moçambique está pagando mensalmente uma libra.

Azevedo Coutinho de vez em quando faz festas, a título de inauguração de estradas, mas ainda não construiu sequer um quilómetro de estrada. O que se tem visto é centenas de pretos, que se empregam nas reparações, sentados, durante meses seguidos, ao pé das repartições a esperar que lhes paguem os salários.

Sobre fomento há o seguinte:

Quando Azevedo Coutinho tomou posse, a cultura do algodão tinha atingido um notável desenvolvimento. Chuvas copiosas em fevereiro e março de 1925 alagaram as colheitas, lançando na miséria muitos cultivadores. Fez-se um inquérito ao prejuízo que andava por cerca de 150.000 libras. Pois o governo, a pesar das mil solicitações da Associação do Fomento, não procurou ajudar ninguém.

Mais: havendo importantes trabalhos em marcha sobre o estudo da irrigação e enxugo do Vale do Limpopo, perseguiu sistematicamente o engenheiro português que estava encarregado desses estudos.

Estando a fazer-se um inquérito à circunscrição de Zavala para se apurarem crimes tremendos (roubos e violências contra raparigas menores), Azevedo Coutinho mandou sustar o inquérito, chamando a Lourenço Marques o coronel encarregado desse serviço e transferiu-o para Tete, não só para se não apurar tudo o que de criminoso ali se passava, mas ainda para se não conhecerem as razões porque, por despatcho de Bartolomeu Severino, quando governador do distrito de Inhambane, os indígenas de Zavala eram obrigados a vender a tonelada de maifura a £ 2-10-00 e os não deixavam transpor os limites de Zavala para, 100 metros além, na circunscrição de Inharrime, poderem vender a mesma tonelada de maifura por lib. 10-00.

Azevedo Coutinho fornece, gratuitamente, casa ao director das Missões Religiosas, tendo também aumentado a estas a dotação, para o que fez votar em agosto mais

1.000 libras. O orçamento de 1925-26 inclui:

Missões religiosas..... 308.362\$50
laicas..... 134.359\$00

Pois à Missão Laica «Camões» nem a doação lhe tem sido paga.

No orçamento também há esta rubrica vergonhosa: «Despesas com obras de fomento em toda a Província, 4.230.000\$00 e 73.750 libras. Isto numa colónia que tem de receber mais de 1.700.000 libras e quais

65.000 contos!!

Azevedo Coutinho, a *casa dum empréstimo*, andou por Paris e Londres 4 meses, com a família, secretários provinciais, secretários particulares, chefes de gabinete, ajudantes, gastando o melhor de Lib. 10.000.

Pelas festas de Vasco da Gama mandou fazer um batuque em que se gastaram mais de 4.000 libras. Construiu-se um enorme pavilhão lado a lado de enormíssimas bancadas no atelier da Machaquare, tendo os indígenas comido mais de 100 bois das circunscrições, e entre eles, 36 rezes que tinham sido apreendidos a um preto inglês (Bob) e que depois de comidas mandou restituir (por escrito).

Reformou a *Contabilidade Pública*, o

que lhe não era permitido, — pois pelas

Basas Orgânicas da Administração Financeira das Colónias, os Altos Comissários não

podem legislar sobre *leis gerais aplicadas a todas as colónias*, — e a reforma de Fazenda que se revogou é uma lei do poder

central, comum a todas as Colónias. Por

esta Reforma lançou Moçambique num

caos.

Proibiu o *Instituto das Missões Coloniais*, de mandar missionários laicos para

Moçambique, sem que él os requisitasse,

— com o visível fim de aniquilar as missões

laicas em benefício das religiosas.

Mandou que o chefe da repartição central residisse (é lá desde 15-11-924) no edifício conhecido por «Casa dos Hóspedes do Governo»; e quando há hóspedes do governo, manda-os para o *Hotel Polana* por conta dos cofres da província. Convém frisar que aquele funcionário não tem direito a habitação, e de mais a mais *benimobilada*, e que o seu antecessor não chegava a ganhar, mensalmente, lbs. 40 — e que este recebe lbs. 50.

Contratou secretários provinciais a lbs.

180 por mês, e contabilistas a lbs. 80, — quando os chefes de serviço da colónia

(secretário geral, procurador da república, director geral da fazenda, chefe dos serviços de marinha, etc.) tinham vencimentos

mensais de lbs. 50.

Contratou um director dos caminhos de ferro por lbs. 150 por mês, quando o vencimento dos seus antecessores não chegava a lbs. 100.

Azevedo Coutinho, no orçamento de

1925-1926, poiz assim a mesa ao Alto Comissário:

Vencimento, esc. 665.640\$00.

Para despesas de representação, lbs. 1.500-00-00.

Reparação de automóveis, esc. 30.000\$00

e lbs. 1.050-0-0.

Mandou fornecer material tipográfico, da

Imprensa Nacional, — para a composição do seu órgão oficial (Está escrito).

Quis mudar a sede do distrito de Tete

(no que se gastaram mais de £ 200.000) e só se não lançou nessa aventura, por oposição do Governador daquele distrito. A sede passaria para Catandica, muitas dezenas de quilómetros desviada de fáceis e económicos meios de comunicação.

Todos os chefes de postos administrativos nomeados desde 15-11-924, — são afiliados dos dois irmãos Azevedos Coutinhos. O *Secretário Particular* anda pelas repartições a caça de empregos para a aliança de ambos os sexos, tendo-lhe sido dito um alto funcionário, perante a insistência, que quem queria ter amantes, lhe pagasse do seu bolso e não estivesse a soprar para recrutar os cofres da província.

Eis, em resumidas palavras, fotografada com verdade e com algarismos a *ação típica, ilegal e esbanjadora*, de Vitor Hugo, o «Nero de Moçambique».

Os estrangeiros não queriam confiar as suas más trémeas e pernadas, 3 ou 4